

## APRESENTAÇÃO



A grande experiência de Rip Van Winkle, no conto escrito por Washington Irving, ocorre em um dia ensolarado, cerca de cinco anos antes da Revolução Americana no século XVIII. Em uma de suas costumeiras escapadas para as montanhas de Catskil, onde encontrava refúgio das rabugices de sua mulher, Rip cochila à sombra de uma árvore e dorme durante vinte anos. Retornando à vila onde morava, tem uma boa notícia, e outras não tanto: fica sabendo que sua mulher havia falecido mas, em contrapartida, percebe-se na condição de um estranho fora de lugar. Encontra a casa onde tinha morado em ruínas, os velhos amigos tinham desaparecido, a taverna que freqüentava transformara-se em um hotel. Nem tudo, no entanto, era diferente: seu filho, Rip Van Winkle II, muito parecido com ele mesmo, está agora casado e tem um herdeiro, Rip Van Winkle III. A mudança que mais afeta Rip em seu retorno é de ordem política. No hotel que antes fora taverna, o Hotel União, um homem fala com entusiasmo sobre os direitos do cidadão, sobre eleições e Congresso, sobre os heróis de 76. Indagado de repente sobre sua posição política, se democrata ou federal, e assustado por não entender a pergunta, Rip tenta defender-se, declarando-se um “fiel súdito do rei”, apenas para ser imediatamente tachado de traidor e espião.

Subjacente à comicidade fácil de Irving, define-se esquematicamente uma preocupação com a natureza da mudança histórica profunda, aquela em que os limites entre ruptura e continuidade ou entre revolução e evolução não são facilmente visíveis. Tais situações de limites pouco claros e de fronteiras porosas são sempre perturbadoras, e mesmo traumáticas, para os que adotaram como estratégia de sobrevivência a crença na necessidade de escolha entre isto e aquilo, ou na existência de uma harmonia sem conflito entre os dois lados da linha divisória. Em Irving, o desejo de uma harmonia entre o antes e o depois ajuda a exorcizar os horrores do conflito e da revolução, e tranquilizam o leitor com a visão de um processo (talvez progresso) sem conflito, ou de uma continuidade que absorve e neutraliza o descontínuo. O retorno de Rip é só aparente e momentaneamente traumático, já que por ele esperam os Van Winkles II e III. Se o processo histórico pode, esquematicamente,

ser entendido seja como repetição do mesmo (em que a narrativa histórica é idêntica ao relato mítico), seja como ameaçadora caixa de surpresas (em que nada se repete), ou seja, finalmente, como a presença do mesmo na diverso (em que toda repetição é repetição com uma diferença), então a resolução do conto de Irving é uma negação tranquilizadora, principalmente, da caixa de surpresas. O que sobra é o (mito do) processo e do progresso.

Uma paródia do conto de Irving mereceria talvez ser escrita, apresentando Rip como um leitor que retorna a uma biblioteca bem equipada, nos dias de hoje, vinte anos após sua última visita. Ausentes estão os volumosos fichários que continham em fichas de papel indicações mínimas de cada livro do acervo: foram substituídos por computadores espalhados por toda a parte; o local de periódicos encolheu enormemente, abrigando agora apenas exemplares antigos ainda não digitalizados, já que a maior parte dos volumes estão agora armazenados em vastos arquivos de dados denominados, por exemplo, JSTOR ou Projeto MUSE; as estantes de livros estão presentes, abrigando milhares de volumes, mas muitos deles (principalmente aqueles não protegidos por direitos autorais) foram digitalizados e podem ser acessados por qualquer pessoa, em qualquer lugar em que exista um computador ligado à rede; livros antigos estão também presentes, mas existem também em meio digital, e podem ser lidos ou consultados na tela de um computador; já não há tantos usuários folheando livros entre as estantes, mas em muitas mesas ao lado delas, leitores, alunos, professores têm os olhos fixos em telas de laptops consultando textos que podem existir em formato impresso na biblioteca, mas podem também estar sendo baixados de outras bibliotecas ou servidores localizados em qualquer parte do mundo. Mas talvez a mudança maior a ser notada tenha a ver com a compreensão de que, no momento atual, a biblioteca com paredes que o novo leitor visita após vinte anos não é tão necessária quanto antes. Já não precisa, como no passado, deslocar-se para nela procurar um livro impresso, porque pode vê-lo exibido na tela de seu computador pessoal sem outro esforço que o de digitar algumas teclas. Em alguns casos, é mesmo até melhor não ir à biblioteca. Se o leitor está interessado, digamos, na obra de William Blake, a melhor edição, tanto

em termos qualitativos quanto quantitativos, encontra-se hoje nos Arquivos Blake e em formato digital, e não no meio impresso. Situação semelhante ocorre com um dos periódicos mais importantes sobre a cultura pós-moderna, *Postmodern culture*, que é publicado apenas online.

Não seria provavelmente exagerado dizer que essa profunda mudança, ocorrida nas duas ou três últimas décadas (a internet como a conhecemos hoje não completou ainda vinte anos), apresenta-se em sua visibilidade máxima na hipertextualização eletrônica da informação e do conhecimento, tornada possível pela invenção do chip na década de cinquenta. A mudança não poderia deixar de afetar a literatura, que é agora transferida em escala global (mas não de forma homogênea) para as bibliotecas virtuais que podem ser acessadas de qualquer parte do mundo em que exista um computador ligado a Rede. São inúmeras as perguntas a serem feitas. Não seria a literatura impressa, porque marcada pelas vantagens e desvantagens da tecnologia de Gutenberg, sujeita a transformações profundas quando produzida no novo meio digital? É possível que o discurso narrativo, profundamente marcado pela dimensão temporal, consiga sobreviver no espaço fundamentalmente espacial e topográfico do

hipertexto eletrônico? Há alguma lição a ser aprendida sobre a natureza do hipertexto em suas origens históricas, marcadas mais pela preocupação com o processamento da informação do que com o conteúdo e o sentido do texto? Quais seriam as diferenças entre ler um texto impresso e ler um texto eletrônico? É possível detectar o que se ganha e o que se perde na passagem de um meio a outro? Não estaria o hipertexto motivando o aparecimento de um novo leitor, guiado por novos hábitos e comportamentos no exercício das novas práticas de leituras?

São perguntas e problemas que clamam, no momento presente (que David Miall chama de “o momento hipertextual”) por análises cuidadosas e críticas bem informadas. É para tais perguntas e problemas que os ensaios do presente volume procuram respostas, necessariamente provisórias e inacabadas, porque feitas no calor da hora. Não procurando por respostas finais, absolutas, fáceis ou confortáveis, contudo, conseguem refletir com engenho e arte sobre o impacto das novas tecnologias na cultura, na literatura e no ensino.

Sérgio Luiz Prado Bellei  
Organizador